

O PIANO

Um filme de Jane Campion

com Holly Hunter, Harvey Keitel, Sam Neill, Anna Paquin

The Piano | França, Austrália, Nova Zelândia | 1993 | 2h01 | Cores | M/16

CÓPIA DIGITAL RESTAURADA

Festival de Cannes – Palma de Ouro; Melhor Actriz

(Holly Hunter)

Óscares – Melhor Actriz Principal (Holly Hunter);

Melhor Actriz Secundária (Anna Paquin); Melhor

Argumento Original

Finais do século XIX, Nova Zelândia. Ada, muda desde a infância e mãe de uma menina de nove anos, vai encontrar o seu novo marido aos confins do “bush”. Ele aceita transportar toda a sua mobília à excepção do seu adorado piano, que fica retido em casa de um vizinho. Incapaz de suportar esta perda, Ada aceita o acordo que este último lhe propõe: recuperar o piano tecla a tecla, submetendo-se às suas fantasias...



«Existem várias imagens que ficaram comigo depois de ver o soberbo filme de Jane Campion: algumas sensuais, outras perturbadoras, algumas que levantam um sorriso. Mas nenhuma foi mais duradoura e potente do que a do próprio piano, esplêndido mas solitário nas margens emocionantes da praia, lavado por alguma reviravolta do destino.» Anna Smith in *The Symbolism of The Piano*

«O Piano afectou-me profundamente. Fiquei extasiada, comovida, atordoada. Sustive a respiração. Estava relutante em voltar a entrar no mundo quotidiano depois de o filme acabar. O Piano agitou-me, perturbou-me e apoderou-se de mim. Senti que os meus próprios sonhos ganharam forma, tendo sido revelados. Sonhei com a Ada na noite seguinte. Foram sensações densas, pesadas e entusiasmantes.» Sue Gillett, in *Lips and fingers: Jane Campion's The Piano*, 1995



«(...) Jane Campion sempre colocou a narrativa feminina em contexto. Não a narrativa feminina como Hollywood a conhece, mas o tipo de narrativa que é familiar para uma audiência da Nova Zelândia e até mesmo para um público da região Ásia-Pacífico: mulheres que são invulgares, mulheres que são complicadas e talentosas, mulheres que são estranhas, mulheres que superaram, mulheres que marcham ao ritmo do seu próprio tambor – ou piano, se quiserem.» Hannah Woodhead, *BBC Culture*

«Jane Campion tornou-se a primeira, e até agora a única, realizadora [mulher] a ganhar o Festival de Cinema de Cannes, com seu conto gótico selvagem de repressão e obsessão, *O Piano*. Quando Campion apareceu e foi reconhecida como *auteur* pelos seus colegas homens – com a Palma de Ouro e três Óscares – as feministas presumiram que mais artistas mulheres seguiriam o seu rasto. Estavam enganadas. (...) 'Rever os meus filmes é como desenterrar ossos enterrados', diz Campion, de 64 anos. No entanto, quando viu *O Piano* novamente (ri-se porque só conseguiu encontrar uma versão dobrada em francês mas pelo menos a heroína, interpretada por Holly Hunter, não fala), 'Entusiasmou-me mesmo. Pensei: este é um filme contado do ponto de vista feminino e hoje em dia isso ainda é tão raro. Mesmo quando uma história parece ser contada do ponto de vista feminino, muitas vezes é um pedido de desculpas por isso.'

O Piano é agora um clássico, inesquecível, com a sua imagética forte e surreal, a cena de amputação que deixa cicatrizes na alma, a heroína silenciosa e, acima de tudo, uma electricidade carregada de erotismo, interpretada tecla a tecla entre Harvey Keitel e Hunter, sentados ao piano em madeira de pau-rosa trabalhada, numa cabana no meio do mato.

(...) 'Ada estava a viver as coisas por si mesma, no seu próprio corpo, e podia deixar o patriarcado do lado de fora', diz Campion. 'Foi muito forte para mim ver isso, assim como a intimidade, sexualidade e sensualidade de um ponto de vista mais feminino.' Surpreendentemente para a época, quando o Baines de Keitel eventualmente recebe permissão de Ada para fazer amor com ela livremente, o seu primeiro movimento é ajoelhar-se e desaparecer sob a sua crinolina, favorecendo o prazer dela sobre o dele.

O poder parece estar literalmente nas mãos de Ada; ela acaricia as nádegas nuas do marido com o mesmo afago com que pressiona as teclas do piano mas recusa-se a permitir que ele a toque em troca. Stewart é humilhado. Como Campion afirma, 'Esta é uma história muito sexual, e vê-lo oprimido e incapaz de controlar o que está a acontecer... isso é muito sexy.'

(...) Selar estes momentos na tela, muitas vezes mais com imagens do que com palavras, é uma das grandes habilidades de Campion. 'As experiências mais potentes que temos como humanos são uma combinação de psique, amor e erotismo, o que pode realmente prender as pessoas, de uma forma extraordinariamente poderosa, a experiências que vão para além do que se conhece e do que se pode controlar', diz Campion. 'Se se olhar para trás, para esses momentos, geralmente são um poderoso despertar, muito além das zonas de conforto. Existe uma espécie de apelo contra o decoro (...)»
Kate Muir, *The Guardian*

